

“É hoje que eu dou o pago”: *self* e arranjo entre os sexos em narrativas de vingança de uma vítima de violência de gênero

“Today is my payback”: self and arrangements between the sexes in revenge narratives of a victim of gender violence

Marília Araujo Fernandes¹

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil

RESUMO

O objetivo do presente estudo consiste em realizar uma análise microinteracional das narrativas produzidas, em uma entrevista aberta, por uma mulher vítima de violência de gênero. O arcabouço teórico situa-se nas noções de *self* (Goffman, 1959), de arranjo entre os sexos (Goffman, 1977) e na análise de narrativas em perspectiva interacionista (Bastos, 2005; Bastos e Biar, 2015). A metodologia da pesquisa é de natureza qualitativa e interpretativista. Os resultados indicam a reivindicação de uma imagem favorável de si pela entrevistada, ao destacar o autocontrole diante das agressões, a frieza na execução de sua vingança e a assistência ao desfecho sem ter sido notada pelos demais personagens da narrativa.

PALAVRAS-CHAVE:

Self. Arranjo entre os sexos. Narrativa. Violência de gênero.

ABSTRACT

The aim of this study is to perform a micro-interactional analysis of the narratives produced, in an open interview, by a woman victim of gender violence. The theoretical framework is located in the concepts of *self* (Goffman, 1959), of arrangement between the sexes (Goffman, 1977) and into the analysis of narratives in an interactionist perspective (Bastos, 2005; Bastos e Biar, 2015). The research methodology is qualitative and interpretive in nature. The results indicate the claim of a propitious image of themselves by the interviewee, by highlighting self-control in the face of aggressions, coldness in the execution of her revenge and assistance to the outcome without having been noticed by the other characters in the narrative.

KEYWORDS:

Self. Arrangements between the sexes. Narrative. Gender violence.

Recebido em: 30.04.2021

Aceito em: 09.07.2021

¹ E-mail: marilia_afernandes@outlook.com |ORCID: 0000-0002-0153-0623

1. Introdução

O presente trabalho tematiza a violência de gênero perpetrada por parceiro íntimo e relata uma pesquisa que vem sendo desenvolvida em um contexto *online* de apoio e acolhimento a mulheres vítimas de relacionamentos abusivos. Tal violência pode ser compreendida como uma manifestação das relações de poder desiguais que perpetuam a naturalização de abusos e a impunidade de agressores (Safiotti, 2015; Moore, 2015).

Não obstante, formas de resistência emergem para deter homens socializados para subjugar mulheres e para impedir a impunidade ao cometerem abusos em suas relações conjugais. A quebra de paradigmas associados aos papéis sociais de gênero, muitas vezes, é o primeiro passo para a emancipação de uma mulher em situação de vulnerabilidade, pois desestabiliza o agressor.

Como forma de empoderar e contribuir para que mais mulheres estabeleçam resistências a esse cenário de desigualdades, organizaram-se no mundo virtual redes de luta contra a violência de gênero, como o grupo de apoio e acolhimento investigado. Nesse espaço, mulheres são acompanhadas por profissionais voluntárias e por outras assistidas que já se encontram fortalecidas. Todas as “margaridas”² recebem atendimento jurídico e psicológico para romperem seus vínculos institucionais e emocionais com o agressor.

É nesse contexto de pesquisa que notas de campo vêm sendo registradas bem como entrevistas abertas vêm sendo feitas com algumas assistidas que fazem parte da rede. A partir desses dados gerados, foi selecionada para o presente trabalho a entrevista com Verônica³, assistida recém-chegada ao grupo de apoio pesquisado. Gravada e transcrita, essa conversa será analisada microinteracionalmente, visando a construção de entendimentos sobre a relação entre o *self* que a entrevistada reivindica no contexto da entrevista e os episódios de conflito com o ex-marido. Para tanto, define-se uma pergunta inicial: que reivindicações de si emergem nas narrativas de Verônica?

Este breve estudo tem natureza metodológica qualitativa e interpretativista (Denzin e Lincoln, 2006). Como base teórica e analítica, o *self* Goffmaniano (Goffman, 1959) e o arranjo entre os sexos (Goffman, 1977) serão construtos fundamentais para a análise das narrativas que serão apresentadas. Cabe ressaltar também a lente interacional por meio da qual essas narrativas serão investigadas (Bastos, 2005; Bastos e Biar, 2015) e a identificação dos elementos que Verônica

² Forma afetuosa pela qual as assistidas são chamadas no grupo de apoio pesquisado.

³ Nome fictício escolhido pela própria entrevistada.

torna relevantes para as suas construções nos fragmentos narrativos da entrevista.

2. Violência de gênero e relações de poder

A violência de gênero é uma forma de violência ancorada no patriarcado, que historicamente outorga aos homens a dominação das mulheres. Essa estrutura legitima uma dominação simbólica sobre corpos, discursos e práticas sociais, naturalizando desigualdades (Bourdieu, 1999). As assimetrias nas relações de gênero ainda são baseadas em diferenças biológicas. Quando as atitudes de uma mulher fissuram a relação de dominação-submissão estabelecida, constitui-se uma crise no âmbito conjugal (Araújo, 2008).

Portanto, tal violência funciona como um recurso (abominável) para manter lugares sociais, sobretudo nos espaços íntimos (Moore, 2015). O homem pratica a agressão “porque o macho deve dominar a qualquer custo; e a mulher deve suportar agressões de toda ordem, porque seu ‘destino’ assim o determina” (Saffioti, 2015, p. 85).

No entanto, essa dominação não deve ser compreendida de forma universal, pois, além de existirem nuances na instituição do poder patriarcal, existem formas de resistência desenvolvidas por mulheres, como se apresentam nos dados que aqui serão analisados. Nesse sentido, Scott (1995) e Butler (2003) trazem novas perspectivas para além da dominação masculina ao discorrerem sobre a violência de gênero.

Ao entenderem gênero como uma categoria mais ampla que patriarcado, traçam uma compreensão mais fidedigna entre as relações de poder e violência. Esse entendimento é possível a partir da ideia de que o gênero é relacional e que não existe um poder masculino absoluto. Ainda que a dominação masculina seja uma concessão da sociedade patriarcal aos homens, nem todos a utilizam da mesma maneira, assim como nem todas as mulheres se curvam a esse poderio.

Assim sendo, nas relações conjugais, não só os homens, mas também as mulheres lançam mão de estratégias de poder, dominação e submissão (Araújo, 2008; Saffioti, 2001). Por isso, deve-se levar em conta tanto os aspectos universais quanto os particulares na compreensão desse fenômeno tão diverso. É preciso atentar para como as identidades generificadas são construídas situacionalmente.

3. Do legado de Goffman

Nesta seção, serão tratados dois dos conceitos desenvolvidos por Erving Goffman e que se articulam com as discussões sobre violência de gênero.

3.1. Os arranjos entre os sexos⁴

Existe uma disposição dos gêneros que acontece desde o nascimento, implicando socializações separadas e expectativas específicas. São “um corpo vasto e integrado de crenças e práticas sociais, suficientemente coeso e abrangente” (Goffman, 1977, p. 302). Assim, partindo de uma compreensão interacionista, Goffman, em *The Arrangement Between the Sexes*, investiga como as reproduções de ordens sociais acontecem diariamente nas interações face a face.

Seu interesse repousa nas práticas de reprodução e manutenção das ordens de gênero em questão. Assim, constata que existe “um pacote abrangente e fechado de crenças sociais e práticas” (Goffman, 1977, p. 106). Porém, as diferenças biológicas que compõem os corpos femininos e masculinos são insuficientes para explicar suas implicações sociais.

O gênero funcionaria, portanto, como “base de um código central segundo o qual as interações e estruturas sociais são construídas; um código que também molda decisivamente as concepções que cada um desenvolve da substância da sua natureza humana” (Goffman, 1977, p. 105). A diferenciação dos papéis de gênero é aprendida inicialmente na dinâmica familiar, na qual, desde cedo, aprende-se o que pode ou não fazer de acordo com o sexo designado ao nascimento. Esse dispositivo de organização social é tão eficiente que Goffman chega a afirmar que “o gênero, não a religião, é o ópio das massas” (Goffman, 1977, p. 315).

Nesse sentido, as situações sociais sugerem os comportamentos que competem a cada gênero e, nelas, mecanismos e estruturas fazem com que os indivíduos ajam reiteradamente em função específica do seu gênero, permitindo, com isto, o surgimento contínuo de novas diferenças de gênero. Como construção social, as performances de gênero dos interactantes respondem às expectativas postas em jogo em cada situação (Goffman, 1977).

Além dos mecanismos situacionais, são significativas as estruturas associadas a processos de interação ritualizados ou a instituições sociais. Os “genderismos institucionalizados” fazem com que as diferenças de gênero não sejam apenas produzidas e consolidadas diariamente, mas também naturalizadas (Goffman, 1977). Os comportamentos, as práticas corporais e as competências específicas de gênero surgem cada vez de novo, fazendo o gênero.

⁴ É imperioso esclarecer que a terminologia “arranjos entre os sexos” utilizada por Goffman é fruto de seu tempo. Seus estudos são anteriores às teorias feministas que questionam a ideia do sexo biológico. Butler, com quem a autora deste artigo se alinha, por exemplo, postula desde 1990 que o sexo não é natural: é discursivo e cultural tanto quanto o gênero. E conclui: “talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma” (Butler, 2003, p. 25). Assim, hoje seria melhor tratar como “arranjo entre os gêneros”, justamente para combater ideias cisheteronormativas.

Goffman também trata dos “efeitos” dos processos sociais de genderização nos indivíduos. Sua concepção de “genderismos individuais” ou dos “modos de comportamento individuais pertinentes a gênero e classe” (Goffman, 1977, p. 113) parte do pressuposto que a reprodução e a prática contínua de modos de representação e de comportamento diferenciados em função do gênero, com o passar do tempo, resulta em práticas corporais, estruturas psicológicas e maneiras de categorização diferentes entre os indivíduos.⁵ Com isso, ele aponta que “não existe identidade de gênero. O que existe é apenas um esquema para o retrato de gênero” (Goffman, 1977, p. 114).

Por fim, nessa mesma obra, Goffman chama atenção para situações em que as mulheres não agem de acordo com as expectativas sociais preestabelecidas e colocam os homens em situação desconhecida. Esses momentos evidenciariam a relação tensa intergêneros e as possibilidades de demonstração de poder feminino, sobretudo no que diz respeito às esferas mais íntimas, dos relacionamentos afetivos. A “veneração social” pela mulher, e que invade o espaço doméstico, parece invisibilizar os efeitos (sempre imprevisos pelos homens) desse poder (Goffman, 1977; Rodrigues e Anchieta, 2016).

Ao se pensar na violência perpetrada por parceiro íntimo, é possível inferir que o poder da mulher está justamente na quebra de paradigma. O homem, socializado para estar acima da mulher e ter consigo o privilégio da tranquilidade de passar impune nas situações em que cometa abusos em uma relação conjugal, perde referência quando uma mulher faz uso do poder da intimidade.

3.2. A apresentação do *self* nas interações sociais

Na vida cotidiana, os indivíduos estão sempre expressando a si mesmos. Não se trata de um “verdadeiro eu”, mas de apresentações sociais pautadas em interpretações do que seja situacional e culturalmente adequado. Goffman (1959) compreende que as identidades se manifestam nas interações e são expressas por meio de elementos de múltiplas naturezas, cujas emissões e interpretações são feitas a todo instante. Esses elementos são imprescindíveis para que se defina a

⁵ A visão de gênero de Goffman dialoga fortemente com a de Butler. Sendo assim, valem ser ressaltadas as convergências e as diferenças entre o “fazendo gênero” (Goffman, 1977) e o “ato performativo” (BUTLER, 2003). A primeira interseção está no entendimento do gênero como uma ação de indivíduos, uma produção em processos socioculturais. A repetição também é uma questão central para ambas as abordagens. Uma diferença fundamental, no entanto, está no foco de cada autor. O objeto de análise de Goffman são as interações sociais, seus mecanismos e estruturas. Já Butler está centrada nas normas de gênero construídas pelos discursos científicos, jurídicos e literários. Outra dissensão está na observação de como as ações são iniciadas e mantidas em movimento. Enquanto o “desbravador do cotidiano” mira a dinâmica dos processos de construção social em operação nas interações, a filósofa olha para os processos de subjetivação, constituição de gênero e suas práticas de inovação.

situação e se oriente a maneira de agir.

Nesse sentido, o *self* Goffmaniano é definido como “o sentido subjetivo de si que um indivíduo vem a obter como resultado de suas várias experiências sociais” (Goffman, 1959, p. 10). Sendo assim, a identidade construída em uma determinada interação é apenas uma impressão. Essa imagem projetada requer uma regulação, que leve em conta a definição da situação em jogo e a imagem que se pretende obter da/na interação.

A coletividade é repleta de estereótipos abstratos e tende a restringir possibilidades identitárias, regulando o modo como se espera que determinado indivíduo ou grupo se comporte socialmente (Biar, 2015). Assim, os indivíduos geralmente lançam mão de ações estratégicas que estejam sustentadas pelos significados sociais consagrados, associando sinais a interpretações já estabilizadas.

Os valores socialmente ratificados oferecem aos interactantes uma impressão idealizada, apagando escolhas que trariam incompatibilidades e mantendo uma coerência expressiva. Esse processo, a que Goffman chama de *face*, é dependente de comportamentos que administrem um tipo de audiência igualmente idealizada na realização da performance: “aqueles diante dos quais desempenhamos certos papéis não serão os mesmos para os quais desempenhamos outros papéis” (Goffman, 1959, p. 12). Nesse sentido o trabalho de *face* é necessário para se manter à altura da dignidade projetada sobre si e daquilo que se espera merecer por parte dos outros (Gastaldo, 2008).

Em vista disso, o pertencimento a grupos sociais está marcado pela obtenção de certa habilidade com sinais convencionados e com a familiaridade com a sua manipulação. Em suma, “na visão não representacionista de Goffman, o *self* é um produto social resultante dessas performances normalizadas em que nos engajamos, sendo as representações locais inevitavelmente falsas, conquanto obrigatoriamente verossímeis” (Biar, 2015, p. 117).

4. A análise de narrativas

A narrativa é um mecanismo verbal de organização de experiências. Ao contar uma história, o narrador dá sentido e sequência a eventos passados, interpretando-os e criando sentidos sobre si e o mundo. Essa construção obedece aos modelos culturais e propósitos interacionais locais, configurando, então, um lugar privilegiado para o estudo da vida social (Bastos, 2005; Bastos e Biar, 2015).

No âmbito dos estudos da linguagem, as pesquisas de Labov e Waletzky (1968) e Labov

(1972) inauguraram os estudos sobre narrativas no que diz respeito à estrutura textual e às relações com a sintaxe. Definida como “um método de recapitular experiências passadas combinando uma sequência verbal de orações com uma sequência de eventos que ocorreram de fato” (Labov, 1972, p. 359), os autores assinalam que uma narrativa precisa ser reportável.

A reportabilidade de um evento está relacionada ao que é extraordinário, sempre remetendo a um acontecimento específico. Além disso, é necessária uma razão para que a narrativa seja contada em um determinado contexto, ou seja, o seu ponto.

O relato de uma história, portanto, deveria seguir seis componentes estruturais: (i) o resumo – informação breve sobre o conteúdo da narrativa; (ii) a orientação – contextualização da história através de informações sobre os personagens, o local e o tempo em que o evento ocorreu; (iii) a avaliação – valores morais, crenças e atitudes da pessoa que narra a história; (iv) a ação complicadora – sequência temporal em que fica explícito o que de fato ocorreu; (v) a resolução – resultado da ação complicadora; e, (vi) a coda – sinalização do término da narrativa, trazendo o narrador e o ouvinte para o momento presente da interação.

O único elemento obrigatório, segundo Labov, é a ação complicadora, pois nela encontram-se as informações imprescindíveis para a determinação do discurso narrativo. Quando apenas duas orações narrativas estão ordenadas em sequência por um conector temporal, trata-se uma narrativa mínima.

Uma das críticas desenvolvidas nas últimas décadas aos trabalhos de Labov versa sobre a visão representacionista da narrativa, como retrato dos eventos. No presente estudo, no entanto, a narrativa é compreendida como uma atividade situada, com a capacidade de organizar eventos distintos e de coconstrução interativa no que diz respeito à estrutura e aos significados (MISHLER, 1986).

A entrevista que aqui será exibida será tratada como uma atividade interacional. Isso porque a entrevistada não será entendida “como a fonte de informações a serem objetivamente coletadas e analisadas, mas, antes, como alguém que constrói, com o entrevistador, o discurso produzido na situação de entrevista” (Bastos e Santos, 2013, p. 10). Destarte, as narrativas presentes neste estudo, oriundas de uma entrevista de pesquisa, foram construídas turno a tudo e não podem ser consideradas como uma atividade individual de Verônica (De Fina, 2009).

A propósito, nas narrativas geradas com Verônica, nota-se uma função importante assumida por algumas narrativas: a função de *account* (Scott e Lyman, 1990; De Fina, 2009). São construções discursivas que apontam para as justificativas de uma ação ou evento impróprio. Sua

produção busca o reestabelecimento de um equilíbrio social causado por alguma situação problemática. A sua aceitabilidade fica atrelada ao cenário social e ao evento situado, de acordo com seu sistema de valores.

Por fim, destaca-se a recorrência de diálogos construídos ao longo das narrativas (Tannen, 1989; De Fina, 2003). Esse recurso é de grande relevância na interação com a entrevistada, pois, por meio dele, é possível analisar os modos com os quais a narradora pretende se construir e construir o agressor.

As articulações e o encaixamento das falas construídas pela entrevistada trazem vozes de outras pessoas em contextos anteriores. Entendida tradicionalmente como falas relatadas, na verdade, essas sentenças não foram enunciadas pelos personagens da história da mesma forma. Assim, o que seria entendido como possível reprodução é, na verdade, uma produção criativa, um diálogo construído pela narradora, que “transforma e transpõe essas construções para outra situação” (Tannen, 1989, p. 54). Nesse encaixamento, seu significado é recriado e se destacam personagens, contribuindo para a montagem dramática e para o envolvimento de quem a ouve (Tannen, 1989).

5. Considerações metodológicas

Como apontado na seção anterior, este trabalho está metodologicamente orientado pela perspectiva interacionista. É sob essa ótica que serão analisadas as ações que fundamentam o encontro social mediado retratado e no qual são negociadas definições da situação e das identidades (Goffman, 1964).

Além disso, as reflexões advindas da etnografia virtual (Hine, 2015) no espaço em que a pesquisadora encontra-se inserida há 11 meses serão importantes ao longo da interpretação e análise dos dados. A entrevista aqui expressa foi realizada por meio de uma chamada de voz, via WhatsApp, entre pesquisadora e pesquisada. Foi gravada no aplicativo Cube ACR e transcrita segundo Jefferson (2004).

Tabela 1 – Convenções de transcrição

.	ponto final	entonação descendente
?	ponto de interrogação	entonação ascendente
,	vírgula	entonação de continuidade
´	seta para cima	mais agudo
ˆ	seta para baixo	mais grave
palav-	hífen	marca de corte abrupto
pala:::vra	dois pontos	prolongamento de som
Palavra	sublinhado	sílaba/palavra enfatizada
PALAVRA	maiúscula	intensidade/volume maior
º]palavraº	sinais de graus	Intensidade/volume menor
>palavra<	sinais de maior que/ menor que	fala acelerada
<palavra>	sinais de menor que/ maior que	fala desacelerada
hh	série de h's	aspiração ou riso
.h	h's precedidos de ponto	inspiração audível
=	sinais de igual	elocuições contíguas, sem intervalo
]	colchetes	falas simultâneas/sobrepostas
(2,4)	números entre parênteses	medida de silêncio em segundos
(.)	ponto entre parênteses	micropausa de até 2/10 de segundo
()	parênteses vazios	fala que não pôde ser transcrita
(palavra)	segmento de fala entre parênteses	transcrição duvidosa
((olha para	parênteses duplos	descrição de atividade não-vocal

Fonte: JEFFERSON, 2004.

Essa interação teve como objetivo conhecer a trajetória de violências de gênero sofridas por Verônica, que acabara de chegar ao grupo de apoio. Trata-se de um coletivo *online* que, há mais de 10 anos, acolhe e fortalece mulheres cis e transsexuais que sofrem ou sofreram algum tipo de violência de gênero. A interação segue sem um roteiro prévio, com perguntas abertas, totalizando aproximadamente 1 hora.

A entrevista será tratada como um encontro social autêntico, em que as interactantes estão coconstruindo ações e significados de maneira situada (Mishler, 1986; Bastos e Santos, 2013). Os dados serão analisados dentro do paradigma qualitativo e interpretativista (Denzin e Lincoln, 2006). Vale salientar que a entrevistadora, Marília, assume papel duplo de pesquisadora/voluntária no grupo pesquisado.

Para este trabalho, foi selecionado apenas um momento da entrevista realizada. A participante Verônica (nome fictício), é uma mulher de 40 anos, evangélica, que foi casada por 12 anos com seu alzo e que já trazia uma trajetória de violências e abusos familiares desde a infância. Ao ser convidada para a entrevista, mostrou-se disposta a contribuir para o entendimento acerca das práticas abusivas e/ou violentas existentes no âmbito doméstico entre mulheres e seus

parceiros.

A interação analisada teve como principal tópico eventos de violências psicológicas e físicas perpetradas pelo companheiro da entrevistada e construídas na conversa. O momento destacado para a análise que será apresentado na próxima seção ocorreu entre os minutos 28'15" e 33'17" da gravação.

6. Análise de dados

As narrativas que serão apresentadas nesta seção giram em torno da vingança da entrevistada contra o agressor, construída pelas participantes da interação como o “pago” às violências físicas e psicológicas sofridas. No excerto que foi transcrito e que se analisa, Verônica conta à entrevistadora três histórias, sendo que as duas últimas foram construídas como cronologicamente invertidas.

Na primeira, Verônica narra o episódio em que seu ex-marido a expulsa de casa grávida, após agredi-la fisicamente. Na segunda, Verônica narra um episódio em que teria vendido todos os objetos da residência para punir o marido pela expulsão. A terceira história trata de uma humilhação sofrida no mesmo dia da vindita e que teria sido determinante para executar a venda.

6.1. *“Eu comecei a passar mal, mas me fingi de forte”*

O primeiro segmento se inicia com uma questão da entrevistadora, cuja construção já evidencia a gravidade do contexto da agressão.

Tabela 2 – Segmento 1

1	Marília	te agrediu grávida↑
2	Verônica	e nessa noite ainda mandou eu ir embora. ele pegou o telefone dele e
3		subiu pra laje... e foi atender o telefone na laje da casa... eu não
4		entendendo o porquê, EU O SEGUI... e quando eu cheguei na metade dos
5		degraus da casa, da:: >da laje, né<, eu ouvi ele conversando com a ex-
6		mulher dizendo que amava muito ela e que já tinha me colocado pra fora
7		naquele instante... aquela hora meu mundo desabou... sabe?... eu não
8		entendi o porquê, que tava acontecendo aquilo tudo, veio um misto de
9		sentimento,<de raiva, saudade>, e eu não sei explicar o que eu tava
10		sentindo naquela hora, eu sei que meus pés gelaram, eu comecei a passar
11		mal, MAS ME FINGI DE FORTE, entrei pra dentro de casa e fingi que tava
12		dormindo... eu vi que ele botou o rosto no quarto e disse “dorme satanás”
13		e saiu... eu chorei muito ali aquela madrugada inteira SOZINHA, porque eu
14		não tinha, muito contato com ninguém ali, só uma vizinha na frente, a
15		gente tinha se apegado muito em questão de amizade, e:: ela disse pra
16		mim “fique calma, calma não fica assim, isso vai passar”

Fonte: a autora, 2021.

A partir dos elementos descritos por Labov, neste primeiro segmento, em que relata sua expulsão de casa, identifica-se um sumário construído por Verônica (“e nessa noite ainda mandou eu ir embora” – linha 2), no qual, ao mesmo tempo, complementa a questão construída pela entrevistadora (“te agrediu grávida↑” – linha 1) e demarca a necessidade de um espaço interacional maior para contar esta história, cuja sequência que compõe a ação complicadora segue entre as linhas 2 a 7 e 11 a 13. Nessas orações narrativas, ela constrói o flagrante da conversa comprometedor de seu companheiro com a ex-mulher.

Alternando-se com essas sentenças, observam-se avaliações externas, em que a entrevistada suspende o fluxo narrativo para expressar uma reflexão sobre o que sentiu na ocasião em foi humilhada (“aquela hora meu mundo desabou... sabe?... eu não entendi o porquê, que tava acontecendo aquilo tudo, veio um misto de sentimento, <de raiva, saudade>, e eu não sei explicar o que eu tava sentindo naquela hora” – linhas 7 a 10). Finaliza sua avaliação construindo os reflexos físicos de sua reação (“eu sei que meus pés gelaram, eu comecei a passar mal” – linhas 10 e 11) e uma adversativa expressivamente marcada (“MAS ME FINGI DE FORTE” – linhas 11), construindo-se como alguém que conseguiu não demonstrar suas fraquezas para o homem que a estava abandonado grávida.

Em seguida, entre as linhas 11 e 13, retoma o fluxo narrativo e traz um diálogo construído (“dorme satanás” – linha 12) que teria sido dita pelo ex-companheiro. Essa produção criativa da

narradora, além de auxiliar na montagem dramática da humilhação pela qual passou, contribui para reforçar a construção de um abusador impiedoso.

Finalizando o segmento, entre as linhas 13 e 16, observa-se uma longa avaliação para se construir como uma mulher solitária, quase que totalmente isolada, se não fosse uma única vizinha com quem havia estabelecido laços (“eu chorei muito ali aquela madrugada inteira SOZINHA, porque eu não tinha, muito contato com ninguém ali, só uma vizinha na frente, e a gente tinha se apegado muito em questão de amizade” – linhas 13 a 15).

Adiante, essa mulher será retratada como quem a acolhe e consola (“e:: ela disse pra mim ‘fique calma, calma não fica assim, isso vai passar’ ” – linhas 15 e 16). Esse acolhimento se revela na história por meio de mais um diálogo construído, o qual também funciona na narrativa como uma voz concordante com Verônica, contribuindo estrategicamente, nesta situação, para a apresentação de uma fachada positiva de si.

Em linhas gerais, essa primeira história inicia a projeção de Verônica sob uma luz favorável, como uma mulher grávida que sofreu violência psicológica e física, mas que não demonstrou fraqueza ao seu agressor, controlando suas reações diante dele. Na construção desse controle no momento do ataque, ela alternou a explicitação dos sentimentos e esse disfarce.

Assim, Verônica começa a se envolver com a apresentação de um *self* que se distancia de estereótipos historicamente atribuídos à mulher (fragilidade, descontrole etc.) na situação de perigo e humilhação que relata. Ao mesmo tempo, ela revela suas “verdadeiras” sensações para sua interlocutora, uma audiência atenta e inserida no contexto de acolhimento àquelas que sofrem violência doméstica, ou seja, um espaço seguro para mulheres (Goffman, 1959; 1977).

6.2. “Vendi o que era dele e vendi o que era meu também”

O segundo segmento que aqui será analisado trata-se de uma história construída em seqüência, em que Verônica narra a venda de todos os objetos da casa, executando uma vingança contra seu agressor.

Tabela 3 – Segmento 2

17	Verônica	no outro de manhã ele chegou, e::... ele trocou de roupa rapidamente,
18		botou a farda e foi pro serviço... eu disse “é hoje que eu dou o pago”, e o
19		que tinha dentro daquela casa eu vendi...
20	Marília	vendeu tudo?
21	Verônica	vendi o que era dele e vendi o que era meu também... quando ele chegou
22		do serviço que não viu as coisas começou a me ligar... e eu tava na casa da
23		frente e ele não me viu, a vizinha disse “fica aí, não sai daí, que eu vou
24		observar todo o movimento em pé lá no portão, eu vo-, você fica olhando
25		da greta da janela”, e eu vi... eu vi a hora que ele chegou com a ex-mulher,
26		eu vi a hora que ele chegou com os dois irmãos, né, chamaram a polícia,
27		fizeram um boletim de ocorrência, e eu lá, na frente da casa... e ele
28		sentado com a mão na cabeça sem saber o que fazer né, do susto que eu
29		tinha dado nele devido o que ele fez comigo...

Fonte: a autora, 2021.

Quanto à estrutura dessa segunda narrativa, Verônica constrói um sumário mais amplo, que anuncia a vingança de que teria sido mentora e executora (“é hoje que eu dou o pago, e o que tinha naquela casa eu vendi” – linhas 18 e 19) e fornece uma pequena prévia dos eventos que comporão a narrativa. Na sequência, um segundo sumário (“vendi o que era dele e vendi o que era meu também...” – linha 21) retoma o resumo anterior e especifica melhor o feito, explicitando sua gravidade, após a pergunta de Marília (“vendeu tudo?” – linha 20).

Segue-se imediatamente uma orientação bastante sucinta (“quando ele chegou do serviço que não viu as coisas” – linhas 21 e 22) e constrói uma primeira oração narrativa (“começou a me ligar” – linha 22). Uma outra orientação mostra que a narradora não estava no mesmo espaço que o marido (“e eu tava na casa da frente e ele não me viu” – linhas 22 e 23), trazendo o detalhe de estar na casa da vizinha com quem havia feito amizade e o marido não fazia ideia.

Seguem também orações narrativas que dão a tônica das ações complicadoras que se dão em concomitância com a(s) ligação(ões) feita(s) dirigidas a ela, segundo a construção do tempo da narrativa feita por Verônica. A primeira delas trouxe a aliança estabelecida entre a narradora e a vizinha (“a vizinha disse ‘fica aí, não sai daí, que eu vou observar todo o movimento em pé lá no portão, eu vo-, você fica olhando da greta da janela’, e eu vi” – linhas 23 a 25) construída pela narradora como efeito de orações narrativas nucleadas pelo verbo *dicendi* “disse” seguido da fala reportada. Ao trazer essa fala reportada, Verônica constrói a formação de uma rede mínima de apoio entre ela e sua vizinha no enfrentamento do agressor.

Em seguida, Verônica constrói uma cena ocorrida na frente de sua casa e que pôde ser vista por ela do outro lado da rua através da “greta da janela” (“eu vi a hora que ele chegou com a ex-

mulher, eu vi a hora que ele chegou com os dois irmãos, né, chamaram a polícia, fizeram um boletim de ocorrência” – linhas 25 a 27). Nessa sequência narrativa, chamam atenção a primeira pessoa do singular e o paralelismo existente nas construções “eu vi a hora que ele chegou com” que marcam por meio desse recurso expressivo o testemunho ocular do mal que havia retribuído ao marido.

Logo depois, ela faz uma nova orientação (“e eu lá, <na frente da casa>” – linha 27), em que, ao mesmo tempo, retoma que estava na casa da vizinha, local onde o marido nem imaginava que pudesse estar, e enfatiza a visão privilegiada de assistência ao sofrimento do ex (“sentado com a mão na cabeça” – linha 28) e que, segundo a avaliação da narradora estava “sem saber o que fazer, né, do susto que eu tinha dado nele devido o que ele fez comigo” (linhas 28 e 29).

Em resumo, essa segunda história (e a que se pode considerar como a mais potente das três narrativas selecionadas para este estudo) avança na apresentação do *self* como de uma mulher que enfrenta seu agressor por meio da vingança da venda dos objetos da casa. Essa narrativa também promove a desconstrução dos estereótipos de gênero que poderiam recair sobre si (Goffman, 1977).

Nesse excerto, Verônica desenha sua habilidade em valer-se da condição social de mulher para colocar sua vingança em prática. O domínio do espaço doméstico, que deu a ela familiaridade com os horários de chegada e saída para o trabalho do ex-marido, bem como a ideia social de que a mulher é frágil ou incapaz de enfrentar seu agressor, permitiu que ela vendesse toda a mobília da casa sem levantar suspeitas de que ela havia sido capaz de executar isso. A “veneração social” pela mulher fica marcada na narrativa como causa invisibilizadora da agentividade de Verônica (Goffman, 1977).

Ao se pensar na violência perpetrada por parceiro íntimo, é possível inferir que o poder da mulher está justamente na quebra de paradigma. O homem, socializado para estar acima da mulher e ter consigo o privilégio da tranquilidade de passar impune nas situações em que cometa abusos em uma relação conjugal, perde referência quando uma mulher faz uso desse poder.

Vale ressaltar que a interação se dá em um contexto específico de uma primeira entrevista por ocasião da chegada de Verônica a uma rede *online* de apoio a vítimas de violência de gênero. Nesse sentido, parece que os traços identitários que se tornam mais relevantes são os que constroem, para a entrevistadora, uma mulher que não se curvou diante das violências vividas (Goffman, 1977).

6.3. “A minha ira aumentou pra fazer o que eu queria ter feito”

A terceira narrativa que será apresentada foi construída por Verônica imediatamente após a que foi exibida no segundo segmento. Trata-se de uma narrativa com um objetivo claro de esclarecer as razões sobre a atitude tomada.

Tabela 4 – Segmento 3

30	Verônica	AH voltando um trequinho atrás...
31	Marília	aham, conta
32	Verônica	NAQUELA MANHÃ, quando ele chegou do serviço, >ANTES de ele
33		chegar<... tinha tido um telefonema pra mim, umas seis e vinte, acho que
34		questão de uma hora antes de ele chegar, telefone tocou, era um número
35		desconhecido, e eu já tinha a posse de um telefone, celular né... e:: quando
36		a pessoa ligou, ela não me diss- dizia nada, e eu fiquei curiosa de ver aquilo
37		né porque, no fundo havia uns barulhos estranhos, e eu comecei a prestar
38		atenção no barulho e o barulho aumentou ... eu acho que... foi uma das
39		coisas mais noJENTas que eu acho que uma mulher possa passar foi isso...
40		eu ouvi um filme pornô, um áudio de um pornô, e os protagonistas da
41		história era, o diz que marido e a mulher dele, ex-mulher dele... aquilo me
42		deu um NOJO e acabei desligando o telefone sabe... e:: a minha ira
43		aumentou pra fazer o que eu queria ter feito né, esperei ele sair pro
44		trabalho, >vendi tudo peguei o dinheiro enfiei no bolso<

Fonte: a autora, 2021.

A construção desse esclarecimento parece ser bastante relevante para a narradora. Isso já começa a ficar claro na linha 30, quando Verônica se refere ao próprio ato de narrar na entrevista (“AH voltando um trequinho atrás”), estabelecendo uma cronologia entre as narrativas em jogo e, ao mesmo tempo, de causa e consequência. Nesse cuidado, imprime a habilidade do controle de narrar a história. A pesquisadora fornece suporte solidário, sinalizando atenção e indicando envolvimento interacional, bem como interesse pela história (“aham, conta” – linha 31) (Tannen, 1989).

A construção desta segunda narrativa, no que diz respeito aos seus elementos constituintes, percebem-se orientações intercaladas às orações narrativas (“NAQUELA MANHÃ, quando ele chegou do serviço, >ANTES de ele chegar<...” – linhas 32 e 33; “umas seis e vinte, acho que questão de uma hora antes de ele ter chegado...” – linhas 33 e 34) e avaliações externas (“eu acho que... foi uma das coisas mais noJENTas, que eu acho uma mulher possa passar foi isso...” – linhas 38 e 39; “aquilo me deu um NOJO” – linhas 41 e 42). As primeiras situam que o marido havia passado a noite fora, já as avaliações expressam a posição da narradora diante da humilhação de, além de ter sido traída, ter recebido um telefonema anônimo para que ela ouvisse a relação sexual

entre seu marido e a ex-mulher dele.

Essa narrativa como um todo é construída para servir como *account* (Scott e Lyman, 1968; De Fina, 2009), fornecendo as razões da narradora para ter vendido todos os objetos existentes na casa com o objetivo de punir o marido. O evento seria fora de um padrão de normalidade e, ao mesmo tempo, que arranha a construção de uma imagem positiva para Verônica, já que o que foi contado anteriormente poderia deixar de posicioná-la como vítima/heroína, mas como uma “contraventora”.

Assim, é possível perceber que a entrevistada está atenta à possível avaliação de sua interlocutora, ao construir e interpretar esse evento. Nesse sentido, compreende-se que ela se engaja na produção de um *account* para administrar a frustração de uma expectativa sobre sua apresentação social (Goffman, 1959) como alguém que apenas se defendeu de seu agressor.

Destaca-se aqui também o alto grau de reportabilidade dessa vingança, tanto por ser uma situação marcante na vida da narradora, tanto pela sua singularidade no contexto de um grupo de acolhimento de mulheres vítimas de violências de gênero, em que geralmente as mulheres contam histórias em que são passivas diante das situações de violência dos homens (Goffman, 1977).

Assim, após tornar relevante esse evento de vingança, Verônica precisa fornecer como resposta um motivo que legitime o que ocorreu, construindo para a entrevistadora e, talvez, para si mesma uma espécie de absolvição para o evento narrado. E a narradora faz isso construindo para esta narrativa uma avaliação que generaliza (“eu acho que... foi uma das coisas mais nojentas, que eu acho uma mulher possa passar foi isso...” – linhas 38 e 39), em que traz a categoria mulher para enfatizar sua dor e buscar empatia na interlocutora com o seu feito.

7. Considerações finais

Este estudo buscou contribuir para o entendimento de questões que envolvem a violência de gênero, a partir de uma perspectiva discursiva. As agressões sofridas por Verônica e, mais especificamente, as narrativas coconstruídas ao longo da entrevista trouxeram um pequeno universo por meio do qual esse fenômeno pôde ser abordado.

Os resultados da análise interpretativa dos dados sugerem que a entrevistada escolheu narrar uma vingança que executou contra seu ex-marido, com quem havia vivido uma experiência de violência doméstica. Essa “escolha” pode ter se dado pelo fato de Marília e Verônica estarem em um espaço virtual de acolhimento de mulheres, mas a narradora, na ocasião de sua chegada ao grupo de apoio, ainda não se aceitar completamente como vítima.

Nessas histórias, a participante reivindica uma imagem favorável para si. Qualidades como coragem e astúcia são sustentadas, tendo em vista o autocontrole narrado diante das agressões, a execução da vingança e a assistência aos resultados sem ter sido notada pelos demais personagens da narrativa. Nota-se também uma tentativa por parte de Verônica de se alinhar e buscar solidariedade na pesquisadora/voluntária, quando traz a categoria mulher para enfatizar sua dor.

Por último, é preciso destacar uma inferência de ordem macrossociológica. Nos dados, evidenciou-se como a violência doméstica perpetrada por parceiro íntimo foi construída e (re)produzida por Verônica. Como se trata de uma manifestação de relações de poder desiguais de gênero, e absurdamente naturalizada na sociedade ocidental, poucas mulheres compreendem que estão vivendo situações violentas como a entrevistada e, muito poucas, conseguem chegar a redes como o grupo de apoio pesquisado para romperem com esse ciclo.

Referências

ARAUJO, M. F. Gênero e violência contra a mulher: o perigoso jogo de poder e dominação. *Psicol. Am. Lat.* 2008, n. 14, 2008.

BASTOS, L. C. Contando estórias em contextos espontâneos e institucionais – uma introdução ao estudo da narrativa. *Calidoscópio*, São Leopoldo, RS, v. 3, n. 2, p. 74-87, 2005.

BASTOS, L.; SANTOS, W. S. *A entrevista na pesquisa qualitativa*, Rio de Janeiro: Quartet: Faperj, 2013.

BASTOS, L.; BIAR, L. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. *DELTA*, v. 31, n.spe, 2015.

BIAR, L. Desvio e estigma: caminhos para uma análise discursiva. *Calidoscópio*, v. 13, n. 01, 2015.

BOURDIEU, P. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero – feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. The discipline and practice of qualitative research. In: DENZIN N.; Y. LINCOLN (Org.). *The handbook of qualitative research*. Thousand Oaks: Sage, 2006. p. 1-27.

DE FINA, A. *Identity in narrative: a study of immigrant discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 2003.

GASTALDO, E. Goffman e as relações de poder na vida cotidiana. *Rev. bras. Ci. Soc.*, v. 23, n. 68, p.149-153, 2008.

GOFFMAN, E. *The presentation of self in everyday life*. EUA: Anchor Books Edition, 1959.

_____. *The Arrangement between the Sexes*. *Theory and Society*, v. 4, n. 3, p. 301-331, 1977.

_____. *A situação negligenciada*. In: RIBEIRO, B.; GARCEZ, P. (Org.). *Sociolinguística interacional*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

HINE, C. *Ethnography for the internet: embedded, embodied and everyday*. Londres: Bloomsbury

Academic, 2015.

JEFFERSON, G. Glossary of transcript symbols with an Introduction. In: G.H. Lerner (ed.) *Conversation Analysis: studies from the First Generation*, p. 13–31. Amsterdam: John Benjamins, 2004.

LABOV, W.; WALETZKY, J. Narrative analysis oral versions of personal experience. In: HELM, J. (Org.). *Essays on the verbal and visual arts*. Seattle: University of Washington Press, 1967, p. 12-44.

_____. *Language in the Inner City: Studies in the Black English Vernacular*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

MISHLER, E. *Research interviewing: context and narrative*. Cambridge: Harvard University Press, 1986.

MOORE, H. Fantasias de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência. *Cadernos Pagu*, n. 14, p. 13-44, jun. 2015.

RODRIGUES, H; ANCHIETA, I. A tensa manutenção da relação entre os sexos: um diálogo com Pierre Bourdieu e Erving Goffman. *Revista Pensata*, v.5, n.1, p. 149-162, mar. 2016.

SAFFIOTI, H. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. In: *Cadernos Pagu*, v. 0, n. 16, p. 115-136, 2001.

SAFFIOTI, H. *Gênero, patriarcado e violência*. 2.ed. São Paulo: Expressão popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v.20, n.2, jul./dez. 1995, p. 71-99.

SCOTT, M.; LYMAN, S. Accounts. *American Sociological Review*, v. 33 p. 46-62, 1968. Reprinted. In: BRISSET. D.; EDGLEY C. (Ed.). *Life as Theater: a Dramaturgical Sourcebook*. Aldine Publishing Company, p. 219-238, 1990.

TANNEN, D. *Talking voices: repetition, dialogue and imagery in conversational discourse*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.